

Figurações da vulnerabilidade social em *We Need New Names* de Noviolet Bulawayo

Figurations of social vulnerability in *We Need New Names* by Noviolet Bulawayo

Lara Portella da Silva 

Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, Brasil
Email: lara.portella@acad.ufsm.br

Resumo

A vulnerabilidade social caracteriza a experiência existencial de muitos imigrantes. O deslocamento para um novo contexto social representa a oportunidade para escapar dessa situação. Ao mesmo tempo, também os confronta com novos desafios de fragilização social. Em diferentes contextos nacionais, a literatura e os estudos literários têm se dedicado a problematizar esse fenômeno. No romance *We Need New Names* (2013) de NoViolet Bulawayo, Darling, a narradora-personagem, é uma menina zimbabuense que se vê confrontada com essas experiências, primeiramente no seu país de origem, depois, ao imigrar para os Estados Unidos. No novo contexto social, a personagem não tarda em identificar os novos formatos de exclusão social. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo a análise das figurações da vulnerabilidade social presentes em ambos os contextos vivenciados por Darling. O artigo se fundamenta em uma discussão bibliográfica e busca refletir como o percurso migratório de Darling representa diferentes dinâmicas inerentes à condição de vulnerabilidade social.

Palavras-chave

NoViolet Bulawayo; *We Need New Names*; Literatura de Fluxos Migratórios; Vulnerabilidade social.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Abreu Castelo Vieira dos Paxe
Carmen Lucia Tindó Secco
Pâmela Fagundes Travassos

Recebido: 10/03/2024

Aceito: 16/08/2024

Como citar:

SILVA, Lara Portella da.
Figurações da vulnerabilidade social em *We Need New Names* de Noviolet Bulawayo. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64214, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64214>

Abstract

Social vulnerability characterizes the existential experience of many immigrants. The displacement to a new social context represents the opportunity to escape from this situation. At the same time, it also confronts them with new challenges of social fragility. In different national contexts, literature and literary studies have been dedicated to problematizing this phenomenon. In NoViolet Bulawayo's novel, *We Need New Names* (2013), Darling, the narrator-character, is a Zimbabwean girl who finds herself confronted with these experiences, first in her country of origin, then when immigrating to the United States. In the new social context, the character does not take long to identify the new formats of social exclusion. In this sense, this article aims to analyze the figurations of social vulnerability present in both contexts experienced by Darling. The article is based on a bibliographic discussion and seeks to reflect on how Darling's migratory path represents the different dynamics inherent to the condition of social vulnerability.

Keywords

NoViolet Bulawayo; *We Need New Names*; Literature of Migratory Flows; Social vulnerability.

A vulnerabilidade social representa uma experiência que motiva o fluxo migratório de muitos imigrantes, à procura de um lugar melhor. Essas pessoas, geralmente oriundas de países com grandes instabilidades econômicas e políticas em que o Estado já não mais cumpre ou nunca cumpriu seu dever de garantir direitos básicos aos seus cidadãos, sofrem com essa negligência, de modo que estão dispostas a abandonar suas nações, famílias, idiomas e culturas. Com isso, elas não deixam somente um espaço geográfico, mas podem vir a deixar, sobretudo, uma prática cultural que define modalidades de representação e interação social. As antigas formas de nomear fenômenos da realidade passam a não ter mais validade. Com o deslocamento, elas se veem confrontadas com novas estratégias de organização da malha simbólica.

Quando imigrantes chegam no país de assentamento, nem sempre encontram o acolhimento almejado. Pelo contrário, não raramente são vistos como intrusos e invasores naquele espaço, o que intensifica a prática de rotulação excludente. Portanto, a vida como um imigrante traz novas problemáticas, como o não pertencimento ao país destino que se torna visível com a exclusão sofrida a partir da proibição implícita da cultura desse indivíduo, como por exemplo a imposição do código dominante, que se faz presente quando não há espaço para o idioma nativo

do respectivo imigrante naquele lugar. Essa e outras exclusões podem ser localizadas quando identidades dominantes atravessam e ignoram os interesses minoritários (Appiah, 2018), impondo práticas identitárias e suas lógicas de hierarquização.

Assim, o projeto identitário que muitos imigrantes têm ao cruzarem fronteiras, em busca dos direitos básicos que lhes foram negados em seus países de origem, acaba se fragilizando. Na verdade, o projeto assume uma tonalidade ambígua, pois, por um lado, podem ter acesso a recursos básicos, mas, por outro, o pertencimento não emerge automaticamente durante o processo de assentamento. Dessa forma, a fragilização social se revela em muitas facetas em seus cotidianos, sempre assumindo novas feições.

Muitos imigrantes encontram na literatura uma forma de expressão, isto é, uma voz para poderem contar suas histórias. O texto literário, nesse sentido, representa uma forma de resistência ao silenciamento. Esse é o exemplo da escritora zimbabuense Elizabeth Zandile Tshele que utiliza o pseudônimo NoViolet Bulawayo em suas publicações. Ela atualmente mora nos Estados Unidos e escreve sobre a experiência de imigrantes que realizaram o mesmo percurso e experimentaram condições de fragilizações sociais semelhantes as suas.

O objeto de análise deste artigo é o romance *We Need New Names*, uma das obras mais prestigiadas de Bulawayo, tendo sido finalista para o The Man Booker Prize em 2013. O romance conta a história de Darling, uma menina zimbabuense que mora em uma cidade ironicamente chamada Paradise, após a sua cidade natal ter sido invadida e destruída. Ela narra sobre sua infância, cotidiano e memórias no Zimbábue junto com os seus amigos e família. Ao lidar com a fome, abusos e carência afetiva em seu país de origem, Darling sonha em imigrar para os Estados Unidos da América e viver com a sua tia que lá reside. Ela realiza esse sonho quando adolescente, mas, ao estabelecer-se no país norte-americano, percebe que novas dificuldades terão de ser enfrentadas, como a exclusão, o preconceito, a marginalização e o não pertencimento. Assim, este artigo tem como objetivo analisar como a vulnerabilidade social que Darling vivencia em ambos os países afeta a sua percepção identitária.

A metodologia adotada será a da pesquisa bibliográfica, com aportes teóricos interessados na temática da vulnerabilidade social e identidade. Assim, a discussão dos fragmentos escolhidos do romance será fundamentada por meio de publicações prévias em estudos culturais e literários. A estrutura do artigo segue o modelo de introdução, uma seção de levantamento teórico, duas seções de análise e a conclusão. Na análise, serão abordados os temas de fome, memória, abandono e despertencimento.

Vulnerabilidade Social: do contrato social à experiência do imigrante

A Tradição Republicana Francesa categoriza pessoas em situação de vulnerabilidade, *les exclus*, como estando fora do contrato social, de forma que se tornam uma ameaça a sua configuração (Daly, 2006). Segundo Jean-Jacques Rousseau, o contrato social seria o conceito filosófico de que tanto o Estado quanto a sua população possuem um acordo subentendido e esse acordo garantiria o bem-estar dos cidadãos e a manutenção do Estado. Entretanto, se alguma premissa, de alguma das partes, for violada, há a possibilidade da revolta, podendo ocorrer de diversas maneiras. No caso de pessoas em situação de vulnerabilidade, o Estado não cumpriu com o seu dever, que seria de fornecer condições básicas para uma vida digna em sociedade, o que abarca moradia, saneamento básico, escolaridade, alimentação e trabalho. Por terem seus direitos violados, elas acabam às margens tanto sociais como geográficas.

Dessa forma, essa comunidade é vítima da negligência governamental dentro dos seus próprios países, confrontando-a com experiências sistêmicas de exclusão. O conceito de exclusão, proposto por Schierup, Krifors e Slavnic (2015), prevê seu surgimento a partir das práticas de determinados grupos que monopolizam “recursos simbólicos e materiais”, resultando em sistemas de subordinação e exclusão. Para atores sociais, isso significa, num primeiro momento, não ter acesso a recursos básicos, necessários para a vida. Num segundo momento, isso produz uma configuração social que impede a participação em diversos estratos da produção simbólica. A consequência dessa barreira resulta num processo sistemático de marginalização, limitando, portanto, também o escopo dos potenciais identitários de cada indivíduo.

No país de origem, a vulnerabilidade social tende a estar (embora não exclusivamente) atrelada a questões da segurança material e, conseqüentemente, à participação de práticas simbólicas. A exclusão da participação das práticas simbólicas, muitas vezes, também representa uma barreira no novo país de assentamento. Quando atores sociais conseguem se estabelecer em um novo país, muitas vezes, são confrontados com o estranhamento causado pelo novo lugar, pela língua, pelas pessoas ou pela cultura. Isso vale especialmente para as práticas linguísticas e suas dimensões culturais. Segundo Mathias (2018, p. 227),

Para muitos desses imigrantes a língua materna é a mesma ou está próxima da língua oficial do país de acolhimento, para outros, o deslocamento inclui também uma transposição para um novo espaço linguístico, com suas visões de mundo e suas lógicas idiossincráticas de comunicação. Nisso reside uma segunda experiência comum, a saber, a necessidade de se apropriar das práticas comunicativas e das

modalidades de organização discursiva, a fim de poder participar não somente dos processos de tomada de decisão referente àquilo que vai definir o trânsito existencial naquele espaço, mas também das práticas de imaginação do discurso nacional. O que está em jogo aqui é o árduo processo de legitimação da voz, com seu desejo de participar da composição da narrativa nacional e seu direito de imaginar-se com parte desse cenário.

Tanto no país de origem como no país de assentamento, atores sociais são confrontados com a experiência de vulnerabilidade social. Essa vulnerabilidade se concretiza factualmente por meio da exclusão de direitos básicos para a concretização social e se traduz por meio da exclusão das práticas simbólicas que definem as modalidades de participação. Em ambos os casos, o desafio reside em se apropriar dos códigos dominantes, a fim de alcançar visibilidade e voz. O caminho até lá representa um percurso árduo a ser conquistado talvez pela primeira vez em determinada geração de uma família. O que está por trás disso é o anseio de fazer parte de uma comunidade e alcançar as mesmas chances de um trabalho e vida digna que o restante da população.

Há elos causais entre os fundamentos materiais e as práticas simbólicas. É essa intersecção que, muitas vezes, explica as dimensões da vulnerabilidade social. Assim, é identificada uma relação entre as dimensões linguísticas e o trabalho:

Não falar a língua significa não ser capaz de se comunicar e cria uma situação de ‘nós’ e ‘eles’ [...] Barreiras linguísticas também podem ser usadas por empregadores como uma ferramenta para controlar trabalhadores migrantes, o que foi observado em um estudo de migrantes faxineiros na Suécia por Anna Gavanas (2010). (Schierup; Krifors; Slavnic, 2015, p. 221, tradução própria).¹

A vulnerabilidade social, exemplificada a partir do mercado de trabalho, emerge da ausência de conhecimentos-chave para a participação na sociedade. Nesse caso, a ausência de conhecimento das práticas simbólicas (neste caso o uso da língua) impacta sobre as chances de acesso aos fundamentos materiais, o que reverbera por toda cadeia de produção simbólica. Dessa forma, essa segregação tem mais força no contexto de divisão de poder que o espaço laboral proporciona devido ao maior controle que o empregador tem sobre o imigrante, visto que a condição de subordinação se instala também pelos códigos idiomáticos.

¹ “Not speaking the language means not being able to communicate and creates an ‘us’ and ‘them’ situation [...] Language barriers can also be used by employers as a tool to control migrant workers, which has been observed in a study on migrant cleaners in Sweden by Anna Gavanas (2010).” (Schierup; Krifors; Slavnic, 2015, p. 221).

Por conseguinte, muitos não encontram a prosperidade que procuram, devido a muitos fatores como não conseguirem se comunicar na língua local, não se adaptarem naquela nova dinâmica identitária, não possuem documentos legais que lhes permitam trabalhar formalmente e ocupar outros espaços legitimados. Esses obstáculos reforçam a manutenção da condição de vulnerabilidade, uma vez que tornam essas pessoas novamente prisioneiras do sistema. O contexto cultural é outro, mas a vulnerabilidade social continua impactando, agora de outras formas, sobre o modo como esses agentes podem imaginar o escopo de sua identidade.

Nesse âmbito, a vulnerabilidade social pode ser uma vivência tanto de imigrantes regulares quanto irregulares. No caso de imigrantes sem documentação, o medo e a deslegitimação de suas identidades são completamente maiores, visto que eles não possuem nenhum direito de amparo de políticas públicas daquele país, pois são proibidos de transitar naquele solo. Além do silenciamento, sofrem com a invisibilidade dentro daquela comunidade. Como não são cidadãos legitimados e não podem se considerar legítimos, permanecem impossibilitados de usufruir dos direitos e deveres de um cidadão pleno, como se posicionar com um voto político para a narrativa nacional.

Nesse horizonte, muitos imigrantes se veem confrontados com a necessidade de decidir se é melhor voltar as suas terras natais e famílias, porém reencontrar também a fome, guerras e doenças ou permanecer no país de assentamento em condições de exploração, e muitas vezes escravidão laboral, mas podendo ter acesso a um salário, que, apesar de baixíssimo, possibilita o acesso à comida, moradia e até mesmo à possibilidade de ajudar as suas famílias. Em suma, são muitos os motivos que contribuem para a permanência da condição de vulnerabilidade social entre os imigrantes, e como consequência, para a fragmentação e fragilização de suas identidades. Com base nessas reflexões, esse artigo foca, na sequência, em como no Zimbábue, Darling sofria com a fome e outros tipos de desamparos, e como nos Estados Unidos, ela sofre com a desidentificação individual e legal.

As Goiabas: vulnerabilidade social no país de origem

Marcado pelas violências da colonização, Zimbábue tem percorrido uma longa trajetória de conflitos civis, buscando sua independência, conquistada em 1980, e identidade. Dessa forma, o espaço ficcional figurado no romance remete à longa instabilidade nacional que trouxe consigo a condição da miséria. Essa dimensão social impacta implicitamente no modo como a protagonista pode imaginar dimensões de sua identidade. Com efeito, são essas premissas que condicionam suas experiências de vulnerabilidade social.

Num primeiro momento, as experiências de Darling no Zimbábue são semelhantes às de diversas crianças ao redor do mundo que, assim como ela, passam o dia com os seus amigos brincando na rua, furtando frutos de árvores em quintais alheios, indo à igreja, etc. Entretanto, ela também se vê confrontada com a fome que aflige a si, os seus amigos e familiares. Junta-se a isso a falta de escolarização, visto que as crianças em Paradise não frequentam a escola, dada a falta de profissionais.

A problemática da fome atravessa a situação social do Zimbábue. O alimento, portanto, representa algo sagrado, em seu caráter excepcional: “Nunca vimos ninguém jogar comida fora, nunca, mesmo que fosse uma coisa qualquer. A Chipó parece querer correr atrás e comer a coisa. A boca retorcida da mulher termina de mastigar e engole. Eu engulo com ela, minha garganta formigando.” (Bulawayo, 2014a, p. 14).² Esse episódio ocorre num contexto de encontro intercultural, onde personagens revelam diferentes formas de gerir as malhas simbólicas atreladas aos fundamentos materiais que condicionam sua existência.

Nessa cena, as crianças encontram uma moça branca inglesa, no bairro de Budapeste. Essa personagem está no Zimbábue para visitar o país de origem de seu pai. O choque cultural ocorre primeiramente na atitude frente ao alimento, mas se estende igualmente à forma como a moça os trata como animais em exposição em um zoológico, registrando suas condições de fragilidade e inconsciente da representação da significação histórica, em seu bojo. As modalidades de interação social se mesclam às formas de interação com a materialidade da vida. Há uma diferença na interação com o alimento e na forma de tratamento. Nisso, confluem duas práticas simbólicas que desembocam na representação da vulnerabilidade social.

O curioso dessa cena é quando Darling descreve a própria mulher como um animal enjaulado devido ao seu cabelo bagunçado e ao fato de um portão estar dividindo-os: ela presa, eles livres. Nesse momento, o texto inverte a dinâmica colonial através da perspectiva limitada e ingênua de Darling. Ela não consegue entender como alguém “real” que mora em um lugar “real” tem essa aparência. Assim, passa a identificar as dimensões simbólicas da organização espacial e, num passo seguinte, começa a refletir sobre as coordenadas espaciais de sua origem. A percepção dela sobre si e sobre os outros revela como o ambiente do qual ela pertence e quem ela é ocupam um caráter ficcional na sua mente, como se Paradise não existisse realmente e ela passou a ser alguém fictícia quando seu lar foi tomado. O espaço revela dimensões da vulnerabilidade social.

² “We have never ever seen anyone throw food away, even if it’s a thing. Chipó looks like she wants to run after it and pick it up. The woman’s twisted mouth finishes chewing, and swallows. I swallow with her, my throat tingling.” (Bulawayo, 2014b, p. 9).

A diferença entre as crianças e a moça europeia se torna aparente, visto que, além de elas não falarem a mesma língua, também não partilham da mesma linguagem. De acordo com Freitas (2003, p. 42-43),

A exemplo, quando o faminto expressa a dor de fome, ele nem sempre reflete e não se reconhece como um faminto crônico, mas consegue externalizar ao outro, para que se faça conhecer sua condição. Nesse movimento irrefletido, ele não pensa primeiro para depois dizer o que sente, nem elabora formas de expressão. Trata-se de acordos de sensações que vêm antes da aquisição mesma da linguagem verbal. As manifestações naturais e instintivas cumprem finalidades próprias de uma situação específica. Desse modo, o faminto se relaciona com o outro semelhante, pois a gramática que externaliza é parte da linguagem que ambos compreendem.

Assim, tanto esse acontecimento como as outras percepções de Darling sobre esse lugar, como o fato de as ruas serem limpas e as casas bonitas, traz a ela a sensação de estranhamento e de quase proibição de estarem ali. Ela sabe que não pertence àquele bairro, que não deveria estar naquele espaço e teme ser expulsa a qualquer momento. Ela expõe que é a fruta que dá a eles a coragem de sequer pisarem naquele lugar. Dessa forma, torna-se claro que a comida é propulsora de seus percursos, pois motiva suas direções e ações. Nesse momento de vida da personagem, a vulnerabilidade social que ela experimenta materializa-se na sua fome, de modo que sua maior preocupação diária é encontrar as goiabas, furtá-las, comê-las em uma quantidade que a faça passar mal e, no dia seguinte, repetir o ciclo.

A confluência entre figuração espacial e vulnerabilidade social também se revela em outros momentos da exposição diegética. Com a monotonia e dificuldades da sua vida em Paradise, Darling passa a se recordar da sua vida anterior na sua cidade natal quando seu núcleo familiar ainda era completo, composto pela sua mãe e seu pai, com comida e educação disponível, não sendo necessário sobreviver, apenas viver como uma criança comum. Esse é o verdadeiro lar de Darling, o lugar no qual ela cultivou memórias felizes e com o qual se identifica. Por ter sido arrancada de lá, ela ainda não superou o forçado deslocamento, tanto geográfico como identitário, que precisou enfrentar inesperadamente. O dia da ocupação da sua primeira cidade, da sua casa, deixou marcas em sua memória, de modo que ela relembra o episódio constantemente:

Mesmo que eu queira dormir, não posso, porque se dormir, o sonho virá, e não quero que ele venha. Tenho medo dos tratores e daqueles homens e da polícia, tenho medo de que, se deixar o sonho vir, eles saiam dele e se tornem reais. Sonho com o que aconteceu

na nossa casa, antes de irmos para o Paraíso. Tento afastar esse sonho, mas ele continua vindo, feito as abelhas, feito a chuva, feito os túmulos no Heavenway. (Bulawayo, 2014a, p. 62).³

O acontecimento claramente remete à experiência do trauma, seguindo a definição de Caruth (1995) em seu livro *Trauma: Explorations in Memory*. Sem dúvida, o trauma intensifica a vulnerabilidade, uma vez que o indivíduo precisa processar um conjunto de sentidos que o impedem de participar sem obstáculos da vida social. Ademais, sua percepção e entendimento de mundo não estão formados, visto que ela é uma criança, e conseqüentemente, suas barreiras psíquicas são mais frágeis nesta etapa da vida, facilitando a criação de um trauma a partir de um momento tão devastador, de forma física e emocional, como o que ela presenciou. Portanto, a personagem enfrenta invasões repentinas de memórias perturbadoras em sua mente, de modo que sua identidade se fragiliza, visto que Darling experimenta o sentimento de despertencimento no seu próprio país, ainda antes de se deslocar inteiramente da sua família e cultura.

Ao lado das experiências individuais da protagonista, a narrativa do romance apresenta alguns capítulos, narrados em terceira pessoa, que contextualizam e generalizam a invasão do espaço habitacional de origem e a conseqüente migração forçada. Esses episódios dão voz a experiências de diversos migrantes que sofreram com as mesmas violências de Darling ou possuem o mesmo propósito de vida, isto é, a busca por um lugar seguro.

Ainda no cenário zimbabuense, o núcleo familiar de Darling representa outra fragilização com que ela lida em sua vida. Sua família, no início da narrativa, consiste nela e na sua mãe, visto que seu pai emigrou à África do Sul à procura de condições melhores para a sua família, porém após a sua partida, nunca enviou dinheiro, comida ou uma simples carta para Darling e sua mãe. Por conta disso, Darling carrega consigo um ressentimento em relação ao seu pai. Por outro lado, sua mãe, apesar de se esforçar para trabalhar e alimentar Darling, carece de paciência com a menina e a expõe a situações que ameaçam sua integridade, como estar com outro homem na mesma cama em que Darling está dormindo.

Ainda de acordo com Mathias (2022, p. 12),

O espaço familiar representa o primeiro e mais importante círculo social, em que o indivíduo internaliza as primeiras noções das normas sociais e no qual também aprende a articular sua voz. Família representa igualmente o espaço de proteção afetiva, ao qual

³“Even if I want to sleep I cannot because if I sleep, the dream will come, and I don't want it to come. I am afraid of the bulldozers and those men and the police, afraid that if I let the dream come, they will get out of it and become real. I dream about what happened back at our house before we came to Paradise. I try to push it away and push it away but the dream keeps coming and coming like bees, like rain, like the graves at Heavenway.” (Bulawayo, 2014b, p. 67).

o sujeito recorre sempre que as esferas mais complexas desestabilizam a legitimidade de seu ser no mundo, ao excluir, discriminar ou atacar explicitamente.

Assim, ao não possuir esse auxílio e refúgio afetivo na sua família, Darling busca esse conforto dentro do seu grupo de amigos, de modo que, quando a rotina criada por eles de caçar goiabas e brincar é interrompida com a volta de seu pai, que agora está em situação terminal devido ao vírus da AIDS, ela se sente desconexa dela mesma: “Não gosto de não brincar com eles e não gosto de mentir pra eles porque eles são a coisa mais importante pra mim e, quando não estou com eles, sinto que não sou nem eu mesma.” (Bulawayo, 2014a, p. 87).⁴ Com essa passagem, Darling expõe que o que possui de mais consistente em sua vida são as suas amigadas, o seu grupo de amigos que partilha da mesma língua e linguagem, isto é, além do idioma, a linguagem com a qual se comunicam é entendida e usada por todos, facilitando a compreensão das situações de vulnerabilidade pelas quais passam, visto que há identificação.

Em oposição a isso, a linguagem que sua mãe utiliza para se dirigir à Darling é agressiva: “E você, saia daqui, imbecil, vá brincar com os seus amigos antes que eu corte fora essas suas orelhas grandes, por que é que você está aqui prestando atenção no que falamos?” (Bulawayo, 2014a, p. 86)⁵. Isso passa a ser uma grande diferença para ela na adolescência ao morar com sua tia nos Estados Unidos, uma vez que sua tia não a obriga e impõe a nada, pelo contrário, preocupa-se em perguntar e respeitar suas vontades.

Ela me deixa em paz e não me obriga nem bate em mim como talvez a Mãe ou a Mother of Bones fizessem se eu não respondesse o que elas queriam. Ela sempre me pergunta se eu quero fazer isso ou aquilo — Quer comer macarrão com queijo? Quer ir para a cama? Prefere isto ou aquilo? Tem certeza? — como se eu tivesse me tornado uma pessoa de verdade. (Bulawayo, 2014a, p. 142).⁶

A autopercepção de Darling nesse momento passa a sofrer mudanças, visto que, quando era criança, no Zimbábue, ela tinha apenas a família e os amigos para se refugiar, isto é, não tinha um lar, um país estavelmente seguro, não frequentava a

⁴ “I don’t like not playing with them and I don’t like lying to them because they are the most important thing to me and when I’m not with them I feel like I’m not even me.” (Bulawayo, 2014b, p. 96).

⁵ “And you, get away, imbecile, go and play with your friends before I chop off those big ears, what are you listening for?” (Bulawayo, 2014b, p. 95).

⁶ “She leaves me alone and does not force or beat me up like perhaps Mother or Mother of Bones would if I was not doing what they wanted me to. She always asks me if I want to do things — Do you feel like eating mac and cheese? Do you want to go to bed? Do you prefer this or that? Are you sure? — as if I have become a real person.” (Bulawayo, 2014b, p. 160-161).

escola e não fazia refeições diárias que toda a criança precisa para se desenvolver, visto que a comida nunca era dada, mas conquistada. Nos Estados Unidos, morando com sua tia, alguns anos à frente, sente que possui mais autonomia sobre si e sua vida. Nisso, há mais possibilidades, mas também diferentes dificuldades.

A Neve: experiências no país de assentamento

Nos Estados Unidos, Darling logo entende que suas expectativas não podem ser realizadas. Isto é, ela percebe que não mora no tipo de casa que sempre viu na televisão, que seus tios não são ricos e que apenas conseguem ajudar suas famílias em outros países, pois trabalham o dobro por isso. Se, na primeira parte, a goiaba simboliza o meio de acesso ao alimento, a neve representa, no novo contexto, o fenômeno de hostilidade, com o qual se depara de forma crescentemente intensa: “É um frio que parece querer matar, como se dissesse, com sua neve, que você devia voltar para o lugar de onde veio.” (Bulawayo, 2014a, p. 133)⁷. Essa situação a coloca numa situação de vulnerabilidade social, na medida em que o frio e hostilidade que ela representa a confrontam com experiências de exclusão. O racismo passa a ser a realidade de Darling assim que chega em Washington:

Quando cheguei a Washington, queria morrer. As outras crianças implicavam comigo por causa do meu nome, do meu sotaque, do meu cabelo, do jeito que eu conversava ou dizia coisas, do jeito que eu me vestia, do jeito que eu ria. Quando implicam com você por causa de alguma coisa, primeiro você tenta consertar essa coisa pra que as implicâncias parem, mas aquelas crianças malucas implicavam comigo por tudo, até mesmo as coisas que eu não tinha como mudar, e isso continuou acontecendo e continuou acontecendo até que no fim simplesmente tudo parecia errado dentro da minha pele, do meu corpo, das minhas roupas, da minha língua, da minha cabeça. (Bulawayo, 2014a, p. 148-149).⁸

Darling desde o início é vista como ilegal, proibida de ocupar o mesmo espaço e de usufruir dos mesmos direitos. Consequentemente, ela volta a se deparar com a

⁷ “I mean, coldness that makes like it wants to kill you, like it’s telling you, with its snow, that you should go back to where you came from.” (Bulawayo, 2014b, p. 150).

⁸ “When I first arrived at Washington I just wanted to die. The other kids teased me about my name, my accent, my hair, the way I talked or said things, the way I dressed, the way I laughed. When you are being teased about something, at first you try to fix it so the teasing can stop but then those crazy kids teased me about everything, even the things I couldn’t change, and it kept going and going so that in the end I just felt wrong in my skin, in my body, in my clothes, in my language, in my head, everything.” (Bulawayo, 2014b, p. 167).

sensação de irrealidade identitária que já a acometia em sua infância, em *Paradise*, quando pensava em si como alguém de mentira, inexistente. No romance, vê-se que ela não foi a única imigrante a sofrer a exclusão e segregação. Ela percebe que seus tios também passam por essas situações e, mesmo adultos, são atingidos com a mesma intensidade.

Quando parentes de sua tia a visitam, Darling também os chama de tios e menciona que agora, zimbabuenses que ela nunca havia visto ou conhecido antes são sua família devido ao sentimento de despertencimento que todos partilham nos Estados Unidos. Em contrapartida, seu tio Kojo, ganense, sente-se ainda mais deslocado tanto do espaço quanto das pessoas inseridas nele, visto que a família de Darling fala a sua própria língua incompreensível para Kojo que é vítima de uma segunda exclusão, dessa vez, dentro da sua própria casa.

O personagem de Kojo é extremamente afetado pela imigração e pelo desacolhimento no novo país, visto que ele não possui nenhuma referência de seu país, além de estar em um relacionamento conturbado com a tia de Darling. Assim, o personagem tem reações ainda mais preocupantes quando seu filho é recrutado pelo exército estadunidense para o Afeganistão, fazendo com que Kojo entre em uma estagnação física e mental ao não ser capaz nem mesmo de comer outra comida que não seja a do seu próprio país.

Junta-se a isso a proibição do idioma do imigrante, o que causa uma intensificação da sensação de pertencimento e se estende para o fenômeno da vulnerabilidade social, na medida em que essas personagens minoritárias não podem se articular num código que lhes é familiar:

Como não estávamos no nosso país, não podíamos falar em nosso próprio idioma, então quando falávamos nossas vozes saíam machucadas. Quando falávamos, nossa língua se debatia loucamente em nossa boca, cambaleavam como bêbados. Como não estávamos usando nosso idioma, dizíamos coisas que não queríamos dizer; o que realmente queríamos dizer ficava dobrado dentro de nós, preso. Na América, nem sempre encontrávamos as palavras. Só quando estávamos sozinhos falávamos com nossas vozes reais. (Bulawayo, 2014a, p. 211).⁹

⁹ "Because we were not in our country, we could not use our own languages, and so when we spoke our voices came out bruised. When we talked, our tongues thrashed madly in our mouths, staggered like drunken men. Because we were not using our languages we said things we did not mean; what we really wanted to say remained folded inside, trapped. In America we did not always have the words. It was only when we were by ourselves that we spoke in our real voices." (Bulawayo, 2014b, p. 242).

Ao lado da experiência de violência inerente à proibição, há uma sensação crescente de não poder articular aquilo a que as personagens conferem importância. Darling, por sua vez, consegue se adaptar ao que tange ao idioma, isto é, mesmo ela não sentindo sua integridade como cidadã, ela consegue utilizar a língua adequadamente, de modo que obtém recursos importantes para articulação de si. Entretanto, o domínio do idioma está atrelado à repressão de traços de sua origem. O mínimo desvio pode fazer com que Darling soe como o seu verdadeiro eu, com o seu sotaque zimbabuense que ela está tentando esconder. O caminho em direção ao pertencimento passa, portanto, por um percurso de apagamento das dimensões de si, neste caso, da corporeidade do sotaque. Isso não necessariamente a coloca numa situação de vulnerabilidade social explícita, mas a confronta com desafios que definitivamente diminuem sua sensação de segurança no espaço em que circula.

Ao longo do tempo, Darling desvenda e entende a dinâmica normativa dos estadunidenses, ao passo que percebe e aceita a ilusão do sonho americano. Ela visualiza o desgosto das pessoas em compartilhar o mesmo lugar com ela. Ela também enxerga a posição de vulnerabilidade que ocupa:

Mas tomava cuidado para deixar certas coisas de fora também, por exemplo, o clima que era horrível porque tinha quase sempre algo errado com ele, quente demais ou frio demais, os furacões e coisas do tipo. Que a casa onde a gente morava não era nem um pouco parecida com as que a gente tinha visto na tevê quando éramos pequenos, como ela não era feita de tijolos mas de tábuas, uma casa feita de tábuas na América, e como quando chovia essas tábuas mofavam e cheirava mal. Não contei pra eles como, nas noites de verão, tinha às vezes o pá-pá-pá de tiros na vizinhança, e eu tinha de ficar em casa, com medo de sair, e como uma vez uma mulher a poucas casas da nossa afogou os filhos na banheira, todos os quatro, como tinha gente pobre que morava na rua, segurando cartazes para pedir dinheiro. Eu deixava essas coisas de fora, e muitas outras mais, porque elas me envergonhavam, porque faziam com que a América não se parecesse com a Minha América, aquela com a qual eu sempre tinha sonhado no Paraíso. (Bulawayo, 2014a, p. 167).¹⁰

¹⁰ “But I was careful to leave out some things as well, like how the weather was the worst because there was almost always something wrong with it, either too hot or too cold, the hurricanes and stuff. That the house we lived in wasn’t even like the ones we’d seen on TV when we were little, how it wasn’t made of bricks but planks, a house made of planks in America, and how when it rained those planks got mold and smelled. I didn’t tell them how in the summer nights there sometimes was the bang-bang-bang of gunshots in the neighborhood and I had to stay indoors, afraid to go out, and how one time a woman a few houses from ours drowned her children in a bathtub, all four of them, how there were poor people who lived on the streets, holding up signs to beg for money. I left out these things, and a lot more, because they embarrassed me, because they made America not feel like My America, the one I had always dreamed of back in Paradise.” (Bulawayo, 2014b, p. 189-190).

Portanto, mesmo decepcionada e frustrada com a realidade inesperada que encontra no lugar que vislumbrara como alternativa para sua vulnerabilidade social, Darling esconde a verdade de sua família e amigos no Zimbábue e sofre silenciosamente, pois entende as dificuldades e sacrifícios que ela e sua família enfrentaram para que ela estivesse ali. A situação em que Darling se encontra é narrada coletivamente pela voz que representa os imigrantes no capítulo intitulado “How They Lived”, o qual expõe a solidão experimentada por imigrantes que mascaram a verdade do país de assentamento, a fim de não desapontar suas famílias.

Os capítulos especiais que representam a narrativa dos imigrantes demonstram que, mesmo pertencendo a diferentes origens, cultivando outras culturas e falando outros idiomas, essas pessoas estão ali pelo mesmo motivo. Isso se transforma em elo para uni-las dentro de um país que as enxerga como ameaça. Em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Stuart Hall (2006, p. 81) escreve:

Impulsionadas pela pobreza, pela seca, pela fome, pelo subdesenvolvimento econômico e por colheitas fracassadas, pela guerra civil e pelos distúrbios políticos, pelo conflito regional e pelas mudanças arbitrárias de regimes políticos, pela dívida externa acumulada de seus governos para com os bancos ocidentais, as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os “bens” e onde as chances de sobrevivência são maiores.

Hall aponta neste extrato que a globalização teve grande impacto na escolha de cidadãos de países periféricos em optar pelo fluxo migratório motivados por uma utopia. Desejosos de participarem da comunidade de consumidores, muitos optam por deixar seu lugar de origem, acreditando na promessa que a participação é viável para todos. A chegada nas terras prometidas, contudo, confronta-os com outras realidades. Não raramente, acabam numa situação igual ou ainda mais grave de vulnerabilidade social, já vivida no país de origem. Certamente, há trabalho, mas esse trabalho muitas vezes é informal e ilegal, sendo o recurso que encontram para que possam permanecer nesse ambiente que os rejeita.

Trilhando a mesma narrativa de diversos imigrantes, Darling, ainda no ensino médio, passa a trabalhar em empregos informais. Dessa forma, ela assume responsabilidades e obrigações ao precisar trabalhar desde cedo para colaborar no sustento da família, tanto a que está nos Estados Unidos como a que permanece no Zimbábue. Assim como sua tia, Darling se sente pressionada a cumprir com a expectativa de sua família que ficou no continente africano. Nesses novos espaços exploratórios que Darling é obrigada a ocupar, ela sofre com os estereótipos adotados por seus superiores. Sua identidade é resumida a sua condição de estrangeira. Seus padrões a

olham com curiosidade, semelhantemente ao comportamento adotado pela mulher inglesa vendo-a através de grades no início da narrativa.

No decorrer de sua permanência, seus documentos perdem a validade. Assim, a situação de marginalidade de Darling é intensificada, obrigando-a a viver novamente nas margens da sociedade, silenciada e invisível aos olhos dos que detém poder. Nesse momento ela passa da posição de oprimida para ilegal. Entende que a ascensão social não é possível nesse país:

Em vez de estudar, trabalhamos. Nossos cartões de previdência social diziam Válido para trabalhar apenas com autorização do Serviço de Imigração e Naturalização, mas cerramos os dentes e descumprimos a lei e trabalhamos, o que mais poderíamos fazer? O que poderíamos ter feito? O que qualquer um poderia ter feito? E como estávamos infringindo a lei, abaixávamos a cabeça de vergonha; nunca tínhamos descumprido lei alguma antes. Abaixávamos a cabeça porque não éramos mais pessoas, agora éramos imigrantes ilegais. (Bulawayo, 2014a, p. 213).¹¹

No excerto apresentado, a voz narrativa reflete sobre o sentimento de imigrantes irregulares que não conseguem mais reconhecer a sua humanidade e existência. A desumanização se dá inicialmente pelo sistema que os bane de diferentes lugares e posições, de acordo com parâmetros raciais e sociais. O restante da sociedade corrobora a manutenção desse sistema excludente, levando os imigrantes e demais grupos vulneráveis a crer na legitimidade dessa situação.

Darling se encontra em uma posição de vulnerabilidade social, visto que o menor deslize pode revelar o seu status de irregular. Ainda segundo Schierup: “Este estado de vulnerabilidade e insegurança pode ser entendido como parte da experiência de ser ‘deportável’, um conceito que ilustra também as potenciais consequências de ser categorizado como ilegal ou indocumentado.” (Schierup; Krifors; Slavnic, 2015, p. 220, tradução própria)¹². Darling experimenta o constante medo de ser deportada, o que traria uma série de consequências, como a investigação de seus tios, a paralisação da ajuda a sua família no Zimbábue e o retorno da fome. Se antes sua vulnerabilidade social era marcada pela fome, agora ela é atravessada pelo status de irregularidade, impedindo-a de participar plenamente da vida em sociedade.

¹¹ “Instead of going to school, we worked. Our Social Security cards said Valid for work only with INS authorization, but we gritted our teeth and broke the law and worked; what else could we do? What could we have done? What could anybody have done? And because we were breaking the law, we dropped our heads in shame; we had never broken any laws before. We dropped our heads because we were no longer people; we were now illegals.” (Bulawayo, 2014b, p. 243-244).

¹² “This state of vulnerability and insecurity can be understood as part of the experience of being ‘deportable’, a concept that illustrates also the potential consequences of being categorised as illegal or undocumented.” (Schierup; Krifors; Slavnic, 2015, p. 220).

Considerações finais

Representando a narrativa de muitos imigrantes, o percurso de Darling evidencia as experiências dolorosas, muitas vezes atreladas aos fluxos migratórios. Motivados pelo desejo de escapar da condição de vulnerabilidade, as personagens do romance se veem confrontadas com perseguição e condições de fragilização. De certo modo, a narradora-personagem é capaz de achar um equilíbrio individual. Por meio da narração, ela encontra uma voz que lhe permite refletir sobre sua condição de vulnerabilidade social, mas também resistir ao maquinário de silenciamento. Ela ultrapassa as dificuldades no Zimbábue, como a fome, a carência afetiva familiar e o abandono, porém novas problemáticas são vivenciadas nos Estados Unidos, como o racismo e a irregularidade.

Em suma, a condição de vulnerabilidade social caracteriza a experiência da narradora-personagem, em todo o seu percurso de vida. Ela escapa do descaso no Zimbábue e passa a enfrentar essa situação novamente nos Estados Unidos. Todas essas experiências de vulnerabilidade social vivenciadas por ela, no contexto familiar, público, social, humanitário, contribuem para a fragilização de sua percepção identitária. No Zimbábue, ela era uma pessoa fictícia, irreal. Nos Estados Unidos, é tida como inexistente. Em ambos os casos, a personagem precisa mobilizar recursos para idear estratégias de resistência.

Referências

- APPIAH, K. A. *The Lies that Bind*. New York: W. W. Norton, 2018.
- BULAWAYO, N. *Precisamos de Novos Nomes*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014a.
- BULAWAYO, N. *We Need New Names*. New York: Back Bay Books, 2014b.
- CARUTH, C. (ed.). *Trauma: Explorations in Memory*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995.
- DALY, M. Social Exclusion as Concept and Policy Template in the European Union. *CES Working Paper*, n. 135, 2006.
- FREITAS, M. C. S. *Agonia da fome*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- MATHIAS, D. Literatura e confiança: apontamentos sobre parâmetros de análise. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 25, n. 46, p. 209-232, mar. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/195067>. Acesso em: 24 out. 2022.

MATHIAS, D. Violência, margens, migrações: apontamentos para a literatura comparada. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-16, abr. 2022. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/14905>. Acesso em: 24 out. 2022.

SCHIERUP, C.; KRIFORS, K.; SLAVNIC, Z. Social exclusion: Migration and social vulnerability. In: DAHLSTEDT, M.; NEERGAARD, A. (ed.). *International Migration and Ethnic Relations*. London: Routledge, 2015. p. 200-226.